

Ano 13, Vol XXIV, Núm 1, Jan-Jun, 2020, pág. 28-41.

EDUCAÇÃO E PRÁTICAS DE LIBERDADE EM MICHEL FOUCAULT

Marcos Vinicius de Oliveira Monteiro

Marcos Murrelle Azevedo Cruz

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo expor questões centrais no pensamento de Michel Foucault e as suas questões referentes a educação. Apesar de não ter necessariamente escrito nenhum livro sobre pedagogia ou educação de maneira direta, Foucault traz em seu pensamento e em sua maneira de constituir o sujeito, por conseguinte, na sua maneira de ver a história humana, um processo educacional, o qual tem como base uma *prática de liberdade*, que por sua vez é alicerçada em um *cuidado de si*, conceitos estes que emergem de suas questões mais divergentes com a sociedade moderna. Para construir um caminho mais completo até essa exposição do pensamento do autor sobre educação será feita uma breve introdução sobre suas produções e seus pensamentos, como por exemplo, as relações de poder, ponto fundamental dentro de seu pensamento e que desaguam problemas na educação moderna. E assim, dada essa perspectiva anterior, também será explicitada a crítica do autor com relação a maneira moderna de estabelecer o sujeito, e isso, estabelece parâmetros para contextualizar Foucault em questões emergenciais da educação contemporânea. Dessa maneira, o objetivo é em uma pesquisa bibliográfica-exploratória levantar os pontos mais essenciais do autor que, por sua vez, desaguam na questão educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Relações de poder. Prática de liberdade. Cuidado de si.

ABSTRACT

This paper aims to expose central issues in the thinking of Michel Foucault and his questions regarding education. Although not necessarily writing any book on pedagogy or education directly, Foucault brings in his thinking and his way of constituting the subject, therefore, in his view of human history, an educational process, which has as its base a practice of freedom, which in turn is based on self-care, concepts that emerge from its most divergent questions with modern society. To build a more complete path to this exposition of the author's thought about education, a brief

introduction about his productions and his thoughts will be given, as for example, the power relations, fundamental point within his thought and that cause problems in modern education. And so, given this earlier perspective, the author's critique of the modern way of establishing the subject will also be made explicit, and this establishes parameters for contextualizing Foucault in emergency issues of contemporary education. Thus, the objective is in a bibliographic-exploratory research to raise the most essential points of the author that, in turn, fall into the educational question.

KEYWORDS: Education. Power relations. Freedom practice. Take care of yourself.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho buscará expor algumas das questões centrais do pensamento de Foucault, como as relações de poder, a constituição do sujeito e a sua crítica a modernidade e, por fim, o desaguar de tais questões no âmbito educacional. Para tanto este trabalho irá se dividir em quatro aspectos primordiais. O primeiro apresenta uma breve introdução à vida e outros aspectos que fazem parte integrante do filósofo francês. O segundo será a apresentação dos conceitos centrais do pensamento do autor, dentre eles as relações de poder (os três tipos de poder), o sujeito como uma criação humana e as outras criações do saber do homem, isso tudo permeado pelo conceito de arqueologia de Foucault. O terceiro será a exposição do ponto central da crítica do autor ao pensamento e a maneira moderna de constituir o sujeito e a sociedade, questão que será base para o último ponto. O quarto ponto é a exposição do pensamento educacional de Foucault, que é baseado no ponto em que o autor diferenciava as críticas que emergem do capítulo anterior, e assim estabelece uma maneira de colocar a educação como uma prática de liberdade.

Antes de prosseguir no desenvolvimento do trabalho é necessário estipular que a metodologia será teórico-interpretativa, mediante consulta bibliográfica, em que serão utilizados como fonte primária os escritos do próprio pensador, além de livros de comentadores e artigos científicos sobre o mesmo.

2. BREVE BIOGRAFIA

Michel Foucault nasceu na França, em Poitiers, no ano de 1926 e faleceu em 1984. Foi um dos grandes filósofos da França no século XX. Esse seu status se deu

principalmente após a morte de Sartre^{*}, o qual travou contatos durante sua juventude. Seu pensamento é influenciado principalmente por Nietzsche, Freud e Marx, como ele mesmo estabeleceu. Seu estilo de escrita e sua fluência intelectual podem caracterizá-lo como um dos pensadores mais proeminentes, que o colocaram entre os autores mais debatidos na contemporaneidade.

Foucault possui um acervo muito grande de obras, sendo assim desde o início de suas produções até o final teve algumas mudanças de foco e até certas controvérsias com suas questões estipuladas primordialmente. Isso faz com que rotineiramente o seu pensamento seja dividido em três períodos^{**}: a primeira fase, na qual ele irá se dedicar as questões do saber, estipulando um método de pensamento arqueológico em sua busca por respostas. A segunda fase, foi marcada pelos seus estudos mais focados na genealogia do poder e suas aparições na constituição da história da humanidade. E sua terceira fase é onde seus estudos vão ser mais focados no campo ético e voltados para a história da sexualidade. No entanto, fato é, que mesmo com períodos de diferença, Foucault, mantém um eixo central correlacionado com esses três pontos que é o sujeito e o corpo.

Foucault abordou diversos temas, contudo, não chegou a tratar especificamente de educação. Porém, a maioria de suas contribuições tratam de maneira tangencial a constituição de um sujeito educacional, por assim dizer. Nesse sentido é possível estipular um deslocamento conceitual^{*} na maioria de seus escritos para tratar sobre educação e na constituição de um processo pedagógico diferente do mecanicista e reprodutor de conhecimento ao qual, Foucault, crítica bastante.

3. AS RELAÇÕES DE PODER E A CONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA HUMANA

O poder está em tudo. O poder está presente em todas as relações humanas desde o início da história humana. Isso é o poder para Foucault. De modo mais explicativo

^{*} Jean Paul- Sartre (1905-1980).

^{**} Foucault aceita essa divisão das fases de seu pensamento, mas pontua que todas elas são afluentes que fazem parte de sua genealogia, isso é explicitado nas palavras do autor: “Três domínios da genealogia são possíveis. Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade através da qual nos constituímos como sujeitos de saber; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos de ação sobre os outros; terceiro, uma ontologia histórica em relação à ética através da qual nos constituímos como sujeitos morais” (Foucault, 1995: 264).

^{*} Utilizar conceitos gerais do autor na questão proposta, que é a educação.

pode-se estipular que o poder é tudo, ele é opressão, mas também é força produtiva, pois o mesmo, faz com que ferramentas sejam criadas para mantê-lo ou para desarticulá-lo. Outro aspecto do poder é que ele não necessariamente é imposto a força, podendo em muitos casos estar de maneira sutil e velada em pequenos aspectos da vida em sociedade. Estes aspectos do poder são presentes em todos os âmbitos das relações humanas, em cada prática, nas instituições e até na linguagem. Portanto, o poder não é algo palpável ou disposto à mão de um grupo, mas sim, algo utilizável, praticável. Isto expõe as grandes variações de sociedades onde determinado grupo exercia o poder e posteriormente não exerceria mais, e outro grupo tomava para si a prática do poder. Nisso, fica explicitado que o poder por estar em tudo estabelece relações de força, que por sua vez dão um tom de desorganização a história, sendo assim, a história humana não é linear, mas sim, circunstancial e complexa. Isso também alicerça outro ponto fundamental do autor, que seria a inexistência de uma verdade absoluta, mas sim, provisória, e a serviço do poder. Foucault descreve isso em seu livro *A microfísica do Poder* (20- ?, p.11):

[...], mas para que fique um pouco menos confuso, eu gostaria de formular algumas "proposições" – no sentido não de coisas aceitas, mas de coisas oferecidas para experiências ou provas futuras. Por "verdade", entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A "verdade" está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. "Regime" da verdade. Esse regime não é simplesmente ideológico ou superestrutural; foi uma condição de formação e desenvolvimento do capitalismo. E ele que, com algumas modificações, funciona na maior parte dos países socialistas (deixo em aberto a questão da China, que não conheço).

Retomando o pensamento do autor se vê as aparições do poder, as quais na história do ocidente são encontradas três formas mais presentes: a primeira é o poder de soberania, o qual é estabelecido por um rei, que detém sobre os seus súditos poder total, tanto para mantê-los com vida ou para tirar-lhes isso. A segunda é o poder da disciplina incrementada nas sociedades modernas, essa é uma tecnologia de poder, ao qual se exerce nas individualidades do indivíduo, esse é o processo no qual o indivíduo é modelado por uma instância fora dele e a partir disso, ele modela a si mesmo e assim torna seu corpo dócil as instituições. Essa maneira de poder, a disciplina será retomada em partes futuras, pois é base para as críticas de Foucault a educação moderna. A disciplina assim como fora explicitada é uma ferramenta do poder, portanto, sendo

utilizada de maneira político-social, fica possível notar isso mediante as palavras de Foucault (1987, p.192):

Em resumo, pode-se dizer que a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças). E, para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza “táticas”.*

Esse poder que está em tudo e que é modernizado pela adoção da disciplina, tem um último desdobramento, que seria a última maneira de poder para Foucault que é o Biopoder*, o qual, se caracteriza pelo aumento das dimensões do controle individual para um controle das massas. Uma ferramenta que se utiliza também da disciplina e da modelação dos indivíduos, contudo, em largas medidas, ou seja, consegue atingir de uma vez, uma maior quantidade de pessoas. Isto é, o Biopoder possui um interesse, e para executá-lo precisa das massas, pode-se entender isso através das eleições, por exemplo: o governo ao contrário do poder de soberania que poderia matar seus súditos, faz com que os mesmos fiquem vivos, adestrados e satisfeitos com isso, para que possam ganhar os votos deles.

Dado o que já foi explicitado sobre o poder, pode-se retornar aos saberes do homem. Como anteriormente exposto eles são ferramentas do poder também, portanto, são provisórios, circunstanciais e dependentes daquele grupo que está com o poder disposto para si. Nesse sentido, Foucault estabelece que o homem em sua visão humanista é uma invenção recente, e além disso, todas as suas invenções, as suas produções de saberes também são provisórias, podendo em determinadas situações serem criadas coisas que em outros momentos não vão ser criadas, pensada coisas que em outros momentos não poderiam ser pensadas. E nisso Foucault estipula a sua busca pela arqueologia do saber**, que “é a busca pelas estruturas secretas de poder”*. Nesse sentido, a verdade e as constituições conceituais dos discursos são produtos e não

* Citação extraída do livro de Foucault: *Vigiar e punir*. 20ª edição. Editora: vozes. 1987.

* Judith Revel conceitua o Biopoder da seguinte forma: “O termo “biopolítica” designa a maneira pela qual o poder tende a se transformar, entre o fim do século XVIII e o começo do século XIX, a fim de governar não somente os indivíduos por meio de um certo número de procedimentos disciplinares, mas o conjunto dos viventes constituídos em população” (2002, p.26).

** Definição de Foucault sobre arqueologia do saber: “Pode-se agora inverter o procedimento; pode-se descer no sentido da corrente e, uma vez percorrido o domínio das formações discursivas e dos enunciados, uma vez esboçada sua teoria geral, correr para os domínios possíveis de aplicação. Refletir sobre a utilidade dessa análise que, por um ato talvez muito solene, batizei de ‘arqueologia’” (2008, p. 153).

* (SCRUTON. Tolos, fraudes e militantes. 2018, p.143)

produtores de conhecimento, nada existe fora da consciência humana. Foucault estabelece as bases dessa argumentação da provisoriade das verdades e das mesmas, como ferramentas do poder em *As palavras e as coisas* (2000, p.14):

Estranhamente, o homem — cujo conhecimento passa, a olhos ingênuos, como a mais velha busca desde Sócrates — não é, sem dúvida, nada mais que uma certa brecha na ordem das coisas, uma configuração, em todo o caso, desenhada pela disposição nova que ele assumiu recentemente no saber. Daí nasceram todas as quimeras dos novos humanismos, todas as facilidades de uma “antropologia”, entendida como reflexão geral, meio positiva, meio filosófica, sobre o homem. Contudo, é um reconforto e um profundo apaziguamento pensar que o homem não passa de uma invenção recente, uma figura que não tem dois séculos, uma simples dobra de nosso saber, e que desaparecerá desde que este houver encontrado uma forma nova.

Depreende-se dá exposição anterior que para o pensamento foucaultiano, a episteme, é um saber criado, o qual é transitório e frágil a novos impulsos epistêmicos que ocorram no desenrolar da história. Esses mesmos impulsos epistêmicos são utilizados como ferramentas de poder, pois são transformados em “verdades” (isso pode também ser chamado de *parresía* na linguagem foucaultiana*) sobre as quais a disciplina será utilizada para manter a mesma livre de ameaças, e possibilitar que os interesses primeiros estipulados possam ser alcançados. Explicitando essa variação e as provenientes aplicações dá mesma, pode-se se utilizar passagem do livro *A microfísica do poder* de Foucault (20-? p.11):

Em nossas sociedades, a "economia política" da verdade tem cinco características historicamente importantes: a "verdade" é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas).

Para exemplificar essa explicação dada acima e por conseguinte, esclarecer a tese de Foucault, pode ser utilizado o seu livro *a História da loucura na idade clássica***, onde ele irá mostrar as mudanças do tratamento e dos conceitos que cercam aqueles que são denominados como loucos. Resumidamente a loucura não é natural, mas sim, um constructo humano, que modifica suas definições em determinada situação, ou seja, é uma convenção cultural em determinada sociedade, uma mudança de “verdades”.

* A *parresía* é o que responde, do lado do mestre, à obrigação de silêncio do lado do discípulo. Assim como o discípulo deve se calar para operar a subjetivação de seu discurso, o mestre deve sustentar um discurso que obedece ao princípio da *parresía* se quiser que o que ele diz de verdadeiro torne-se enfim, ao termo de sua ação e de sua direção, o discurso verdadeiro subjetivado do discípulo. (FOUCAULT.2006, p.295)

** Foucault. *A história da loucura na idade clássica*. 1º edição. Editora: Perspectiva. 1978.

Parafraseando resumidamente o livro de Foucault é possível inferir que: o louco na idade média era visto como sábio, um visionário, alguém livre dos feudos. No renascimento o louco já é colocado em lugares mais comedidos e suas análises não mais são vistas como visionárias. Na modernidade ou período clássico, o louco é isolado, sua palavra não tem valor, não segue os conhecimentos lógicos e racionais. Por fim, na contemporaneidade a loucura é tornada uma doença, uma pauta médica. Isso expõe as variações da definição de loucura, portanto, a palavra é vazia, é exaurida de um sentido próprio, mas sim, é uma ferramenta de determinados interesses, em determinadas circunstâncias históricas. Esse jogo de interesses e mudanças de significação explicitadas com relação à loucura são também presentes em outros exemplos na constituição da história humana.

4. A CRÍTICA DE FOUCAULT A MODERNIDADE

Existem inúmeras questões as quais Foucault irá criticar na sociedade moderna. A principal delas é o alicerce para construção do processo educacional de Foucault, é a ideia de sujeito.

Na crítica ao sujeito historicamente construído no ocidente, Foucault, expõe que o mesmo é alguém preso a três concepções de verdade: a única, a lógica e a psicológica. A primeira consiste em um lugar apartado do mundo sensível, onde estaria a verdade, na qual existiria um caminho progressivo de ascensão em busca da mesma, a qual estaria em algum lugar à espera de ser encontrada. Por conseguinte, a essa ideia, a verdade lógica foi incrementada que seria aquilo que pode ser chamado de método para alcançar o verdadeiro conhecimento, tal forma eliminaria os conhecimentos desnecessários, focando apenas naqueles que passam pelo crivo da racionalidade. E por fim, a verdade relativista (psicológica) que se baseia na reação diferente dos agentes com relação a alguma situação e colocaria a verdade como algo variável de sujeito a sujeito. Nenhuma dessas definições apetece a Foucault, todas para ele são um equívoco. As duas primeiras ignoram o fato de que a verdade constantemente se modifica dadas as circunstâncias, e que o homem não é dotado apenas de um espírito lógico, mas também de um espírito criativo*, sendo este, o responsável pelas criações provisórias. E o

* Foucault é muito influenciado por Nietzsche, algo que será notado claramente em suas proposições educacionais. Nesta sua elucidação estabelece nada mais do que o espírito dionisíaco e apolíneo de Nietzsche. Sendo o primeiro responsável pela força criativa do homem e o segundo, responsável pelas suas pautas lógicas.

terceiro ponto Foucault vê como simplista, pois exauri os estudos arqueológicos necessários das estruturas de poder que se estabelecem no decorrer do tempo. A verdade é genealógica **, portanto, não deve ser refém de narrativas unilaterais e absolutas, mas sim circunstancial, a verdade por assim dizer é filha de seu tempo.*

A modernidade aflora todos esses espíritos lógicos, colocando a dimensão criativa do homem em um escalão abaixo. Portanto, trazendo para o âmbito educacional vemos uma crítica de Nietzsche e também de Foucault se concretizar, que era com respeito ao fato de que a escola buscava padronizar os alunos, igualando os seus resultados e os modelando para a vida em sociedade. Nisso, Foucault vê que a ferramenta de poder mais utilizada para isso é a disciplina (apresentada anteriormente). Essa disciplina exerceria um controle sobre os corpos, impondo costumes e também perspectivas, ou seja, objetivos exteriores ao próprio ser, questão que o autor critica piamente. Essas questões exteriores ao homem podem ser uma vida pautada no lucro, onde sua subsistência e seus gastos exteriores e supérfluos (capitalismo) seriam colocados em prática. Foucault então vê que essa educação apenas serve para adestrar o homem e coloca isso da seguinte maneira:

(...)concebe-se a potência da educação que, não em só um dia, mas na sucessão dos dias e mesmo dos anos pode regular para o homem o tempo da vigília e do sono, da atividade e do repouso, o número e a duração das refeições, a qualidade e a ração dos alimentos, a natureza e o produto do trabalho, o tempo da oração, o uso da palavra e, por assim dizer, até o do pensamento, aquela educação que, nos simples e curtos trajetos do refeitório à oficina, da oficina à cela, regula os movimentos do corpo e até nos momentos de repouso determina o horário, aquela educação, em uma palavra, que se apodera do homem inteiro, de todas as faculdades físicas e morais que estão nele e do tempo em que ele mesmo está.**

Como é possível observar no pensamento de Foucault ficam claras questões que não deveriam estar presentes no processo educacional. Primeiramente, não dever-se-ia estipular objetivos puramente exteriores ao homem. Em segundo, a disciplina não deveria ser impositiva e escravizadora. Em terceiro ponto, não se deveria restringir os potenciais individuais de cada homem. Esses pontos de discordância do autor estabelecem claramente a educação iluminista, que acreditaria em um processo

** Foucault explicita o seu conceito de genealogia da seguinte forma :“A genealogia seria, portanto, com relação ao projeto de uma inscrição dos saberes na hierarquia de poderes próprios à ciência, um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico” (20-?, p.97)

* Essa tese de Foucault sobre a inviabilidade dessas três proposições de verdades é exposta mais precisamente na página 61, de seu livro *Arqueologia do Saber*.

** FOUCAULT. Vigiar e punir. 1999, p. 265.

progressivo de uma saída da menoridade até a maioridade, através do uso da racionalidade. Além de estipular as bases de seu próprio pensamento, essas mesmas críticas aproximam muito a visão de Foucault a de Nietzsche que também queria um processo educacional que fomentasse a vontade de potência dos indivíduos, e no caso de Foucault, uma educação como prática de liberdade.

5. A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE*

Como explicitado anteriormente a escola moderna é reguladora, padroniza e modela o homem, algo que o conforma e retira dele seu real poder criativo. Nessa perspectiva, a educação não conseguiria fomentar práticas de liberdade para o sujeito. No entanto, Foucault expõe a maneira de como isso seria possível em seu livro História da sexualidade: 3º vol. Isso está presente na questão do cuidado de si, sendo este, uma maneira do homem cultivar a si mesmo, desde a sua parte exterior, ou seja, seu corpo e seus prazeres, mas também, em uma perspectiva interna, cuidando da sua mente e fomentando sua criatividade. Esse cuidado de si vai surgir ainda na Grécia antiga, lado a lado com a questão do conhecimento de si mesmo, e vai se tornar tão importante quanto. Esse desenrolar do pensamento de si é exposto por cunha WANZELER (2011, p.23):

Foucault empreende a formulação do conceito de cuidado de si a partir dos gregos, considerando o sentido da expressão “eu do ser em formação”. Nesse aspecto, faz a transição entre Alcibíades, no exemplo socrático, com as escolas epicuristas, cínica, estoica e depois com o cristianismo, ou, melhor com os primeiros cristãos.

O cuidado de si é para Foucault o elemento mais inviolável da existência do homem**, sendo onde o mesmo pode encontrar as respostas para sua vida, a fonte para resolução de seus problemas e além disso, seria onde as suas individualidades seriam realmente fomentadas, portanto, deve ser estipulado: “que o fim principal a ser proposto para si próprio deve ser buscado no próprio sujeito, na relação de si para consigo” (FOUCAULT.2005, p.69). Então, a dialética interna do homem que se dá na relação de sua alma e corpo seria mais próxima de uma justa medida caso o cuidado de si fosse

* A terminologia *educação como prática de liberdade* é proposta por Silvio Gallo, um dos comentadores mais renomados de Foucault no Brasil. Tal proposição é feita em um documentário do instituto Atta: mídia e educação.

** Os fundamentos dessa afirmação: “Essa relação consigo, que constitui o termo da conversão e objetivo de todas as práticas de si, diz respeito ainda a uma ética de domínio(...), mas através dessa forma, antes de mais nada política e jurídica, a relação consigo é também definida como uma relação concreta que permite gozar de si como de que uma coisa que ao mesmo tempo se mantém em posse e sob as vistas”(2005, p.69).

aprimorado, pois “os males do corpo e da alma podem comunicar-se entre si e intercambiar seus mal-estares: lá onde os maus hábitos da alma podem levar a misérias físicas enquanto que os excessos do corpo manifestam e sustentam as falhas da alma” (Idem, p.62).

Não existe idade para a prática do cuidado de si e ele deveria ser o pilar das sociedades. Pois alguém que cuida de si mesmo, pode cuidar do outro, e isso será o papel do educador, o qual será levantado mais tarde. Além de cuidar do outro, ao se voltar para si, o processo criativo seria ainda mais desenvolvido. Essa questão era bastante levantada por Nietzsche, e Foucault também a assume, no qual, a vida deveria ser uma obra de arte e para ser bela é preciso que o homem tenha liberdade, autonomia, está sendo no caso de Foucault, fomentada pelo cuidado de si. Não se deve imaginar liberdade como fazer o que bem entende, pois a liberdade só é possível através do cuidado de si que comporta questões limitativas, e nesse entendimento de suas limitações, surge a autonomia, e ao passar por esse processo o outro também vem intrínseco.

Para explicar esse ponto do cuidado de si não ser apenas uma conduta individualista, Foucault interpreta uma diferença entre *Moral** e *Ética***. A primeira, seria o alicerce da cultura ocidental, que seriam os regimentos exteriores que fazem com que as pessoas ajam como agem, ou seja, que ajam segundo a disciplina exterior a elas, através de um processo de obrigação que caso não seja cumprida será punida. No entanto, a ética seria diferente, ela é presente no cuidado de si. Pois a mesma seria o processo de reflexão sobre as suas próprias ações com relação ao outro e a si mesmo, perpassando desse modo, todas as dimensões presentes no homem. Pereira explicita isso em seu texto Foucault e a educação libertária (2013, p.14):

Nessa dimensão, o cultivo de si é uma construção da própria personalidade. Nesse processo, o cuidado com todas as dimensões do ser (corpo, psique, 16 Para que semelhante projeto se concretize, é preciso uma transformação cultural no pensar a educação, com mudanças de paradigmas e das próprias

* Definição de Foucault para palavra *Moral*: “Pensa primeiramente em suas necessidades, depois em seus prazeres. Ocupa-se de agricultura, de medicina, de guerra, de política prática, depois de poesia e de artes, antes de pensar na filosofia; e [pág. 117] quando se volta sobre si mesmo e começa a refletir, prescreve regras para seu juízo, é a lógica, para seus discursos, é a gramática, para seus desejos, é a moral” (2000, p.103).

** Definição de Foucault para palavra *Ética*: “(...) é a reflexão, é a tomada de consciência, é a elucidação do silencioso, a palavra restituída ao que é mudo, o advento à luz dessa parte de sombra que furta o homem a si mesmo, é a reanimação do inerte, é tudo isso que constitui, por si só, o conteúdo e a forma da ética” (2000, p.351).

concepções do que seja um aluno, um professor, uma escola, bem como quais os objetivos a serem alcançados pelo estudo é perpassado pela atitude reflexiva das ações, a qual se liga profundamente com a liberdade no trabalho de si. Desse modo, conhecer existe em função do cuidar e do construir a própria existência como uma obra de arte, única e bela. Inaugura-se assim, uma verdadeira estética da existência.

Dessa maneira, pode-se intitular a ética como a estética da existência, estipulando assim uma concepção que trata a vida como uma obra de arte. Nesse aspecto, também se entende na visão foucaultiana o que deveria ser a filosofia e também o que deveria ser a vida... A filosofia é o estudo do pensamento, é aquilo que dá vida a linguagem e aquilo que espiritualiza o pensamento, e propicia ao homem ver construído na relação teórico/ prático aquilo que pensou. E a vida é o retrato disso, ela não é progressiva, continua e ordenada, mas sim, desordenada, viva e bela.

Outro aspecto de uma educação como prática de liberdade é fato de que é preciso que o humano nessa construção de saberes que se estabelece no decorrer dos períodos históricos tenha tempo para refletir suas ações, com o outro e consigo mesmo. Isso seria impossível em uma sociedade como a contemporânea, tão acelerada mercadologicamente e que não permite ao homem refletir em profundidade. Para o cuidado de si ser possível é preciso pensar sobre si, assim como os pitagoristas ou os estoicos. Foucault expõe isso em seu livro História da sexualidade: Volume 3 (2005, p.56):

É preciso tempo para isso. E é um dos grandes problemas dessa cultura de se fixar, no decorrer do dia ou da vida, a parte que o convém consagrar-lhe. Recorresse a muitas formas diversas. Pode-se reservar, à noite ou de manhã, alguns momentos de recolhimento para o exame daquilo que se fez, para memorização de certos princípios úteis, para o exame do dia transcorrido [...] fazem referência a esses momentos que se deve consagrar e voltar-se a si mesmo.

A educação como prática de liberdade então é o estabelecimento de um homem mais autônomo, alguém capaz de pensar em suas verdades e de produzir aquilo ao qual acha mais interessante. Além disso, alguém que entende seu corpo e suas limitações, sabendo como lidar melhor consigo mesmo, portanto, também entendendo que outras pessoas são diferentes e possuem suas limitações e ambos podendo cuidar um do outro, pois são capazes de cuidar de si próprios. Uma educação como uma ferramenta do cuidado de si garante não só uma transmissão de alguns fundamentos dos saberes que são necessários, mas também, de um homem mais verdadeiramente livre, pois, é alguém capaz de entender e de colocar em prática as suas próprias potencialidades. Contudo, para conseguir isso seria necessário a intervenção de um educador, que entenda acima

de tudo o que é o cuidado de si, e assim, seja capaz de cuidar do outro, e despertar no mesmo os fundamentos do cuidado de si e por conseguinte, exercer a educação como uma prática de liberdade.

6. O PAPEL DO EDUCADOR NA EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

O professor em uma educação como prática de liberdade deveria ser alguém capaz de ajudar o aluno de maneira criativa a se desenvolver e a entender que fundamentos de si mesmo deveria pensar mais, e assim entender a si mesmo, cuidar de si mesmo, podendo assim, cuidar do outro. Nessa perspectiva, o papel do educador e da escola de maneira geral, também seria sócio-político tendo em vista todos os âmbitos que irá desaguar suas contribuições. Definitivamente ser professor nessa pedagogia da liberdade então é: possibilitar que o aluno se desenvolva e consiga cuidar de si mesmo, e nessa medida, consiga cuidar do outro. Para explicitar essa dimensão do cuidado de si e o cuidado com o outro Alves escreve que (2017, p. 196):

[...]Foucault demonstrou como o princípio do “cuidado de si”, entendido como incitação a ocupar-se consigo mesmo, como atenção diligente para com a própria conduta ética, tornou-se, no período helenístico, um verdadeiro fenômeno cultural que se refletia no ensinamento das diversas escolas filosóficas – estoica, epicurista, platônica, cínica, etc. Porém, é importante evitar a ideia difundida do Foucault final como um pensador “ético” que teria abandonado a preocupação com a política e com as relações de poder para refugiar-se no mundo dos ideais éticos criados pela Antiguidade clássica. [...] Foucault enfatiza constantemente que o cuidado de si deve ser visto como inseparável do cuidado do outro e que a dimensão política dessas práticas de auto constituição jamais está ausente, pois “não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo”.

Neste levantamento de Alves (2017) está explicitado o alicerce do pensamento educacional de Foucault, os quais um docente deveria se apropriar. O professor então deveria assim desenvolver as dimensões sócio-políticas e éticas dos alunos, possibilitando assim que desenvolvessem suas potencialidades individuais de maneira mais livre, entendendo seu corpo e suas limitações, cultivando a sua própria personalidade e, além disso, aprendendo através do cuidado de si o cuidado para com o outro e fomentando um convívio melhor em sociedade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este trabalho foi exposto alguns dos pontos mais relevantes da filosofia de Foucault e que convergem em uma discussão sobre educação. Dessa maneira, fora explicitada a profundidade do pensamento e o entrelaçamento de suas teses que se

interligam na formação do sujeito e na constituição de práticas de liberdade que podem ser utilizadas no processo educacional. Este entrelaçamento do pensamento do autor pode ser notado a partir do entendimento de que o poder está em tudo, e a disciplina é uma tecnologia do poder, essa tecnologia por sua vez é levada a todos os âmbitos aos quais o autor vê como problemático na modernidade, e por fim, suas críticas são o impulso para a constituição de um processo educacional diferente do da lógica moderna, onde o homem teria suas potencialidades mais desenvolvidas e poderia realmente ser mais autônomo, resumindo, mais livre. Nesse sentido, fica explicitado que as relações de poder convergem no sujeito educacional de Foucault.

Neste cenário da educação moderna é possível ver pontos que são similares a situação vivenciada hoje na educação. Deste modo, trazer as pesquisas e apontamentos de Foucault se torna um processo essencial para se pensar nas questões relativas à educação contemporânea. Além disso, surgem questionamentos como: será que realmente é possível um processo educacional como prática de liberdade? Se for possível, que práticas pedagógicas poderiam ser utilizadas para tanto? E se não for possível, quais são os prejuízos ao homem? E todas essas são questões que emergem de maneira substancial ao se levantar os apontamentos de Foucault e que de alguma maneira podem contribuir para melhoria da educação hoje. Além disso, é evidente que as críticas do autor podem se estipular em cenários semelhantes vivenciados hoje em outros âmbitos sociais, portanto, o pensamento foucaultiano se faz importante na educação e em vários outros âmbitos do contexto contemporâneo.

Além de novas perspectivas, críticas e formas de constituir um pensamento educacional, o estudo de Foucault traz um enriquecimento histórico-filosófico, como um dos autores mais importantes do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes. 2006.

_____. **As palavras e as coisas**. 8º edição. São Paulo: Martins Fontes. 2000

_____. **Arqueologia do saber**. 7º edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **História da loucura na Idade Clássica**. 1º edição. São Paulo: Editora Perspectiva. 1978.

_____. **História da Sexualidade: O cuidado de si**. 8º edição. São Paulo: Editora Graal. 2005.

_____. **Microfísica do Poder**. 20-? Disponível em:

<https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfísica_do_Poder_Michel_Foucault.pdf>

_____. **Vigiar e Punir**. 20º edição. Petrópolis: Editora Vozes. 1999.

SCRUTON, Roger. **Tolos, fraudes e militantes**. 1º edição. Rio de Janeiro: Record. 2018.

ALVES, Alexandre. **Repensando o papel do professor como agente transformador: parresia, cuidado de si e ética na formação de professores**. Rio grande do Sul: Universidade do vale do Rio Santos. v. 28, n.1. jan./abr. 2017. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v28n1/1980-6248-pp-28-01-00193.pdf>> Acesso em: 22/06/2019.

PEREIRA, Benedito. **Foucault e a educação libertária: por uma escola transformadora da sociedade**. Theoria: Revista Eletrônica de Filosofia. Volume V - Número 13. 2013. Disponível em <http://www.theoria.com.br/edicao13/foucault_e_a_educacao_libertaria.pdf> Acesso em: 26/06/2019.

WANZELER, Murilo C. **O cuidado de si em Michel Foucault**. Dissertação de mestrado para Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2011. Disponível em <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5579/1/arquivototal.pdf>> Acesso em: 23/06/2019.

FOUCAULT e Educação. Direção: Regis Horta. Roteiro: Silvio Gallo e Renata Aspis. Produção: Nathália Godoy. Atta: mídia e educação. (20- ?) (54 min) Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3eQgOy_5Ibg> Acesso em: 24/06/2019.

Recebido: 20/3/2020. Aceito: 1/6/2020.

Sobre autores e contato:

Marcos Vinicius de Oliveira Monteiro - Graduando do curso de Filosofia da Universidade do Estado do Pará - UEPA. E-mail: Ryuzaki_mddm@outlook.com

Marcos Murelle Azevedo Cruz - Docente no curso de Filosofia da Universidade do Estado do Pará - UEPA. E-mail: marcosmurelle@gmail.com